

URBANO TAVARES RODRIGUES

As Torres Milenárias

2ª Edição



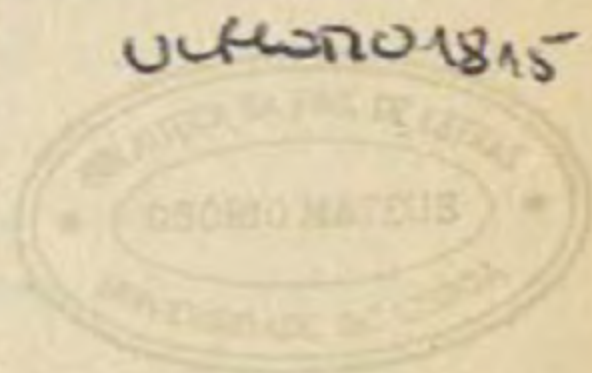
LIVRARIA
BERTRAND

URBANO TAVARES RODRIGUES

AS TORRES MILENÁRIAS

Peça em dois actos

2.^a EDIÇÃO REVISTA E MODIFICADA
COM DOIS TEXTOS INTRODUTÓRIOS
DE
ROGÉRIO PAULO E PRISTA MONTEIRO



LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

CAPA DE MARIO CORREIA

© 1975, Urbano Tavares Rodrigues e Livraria Bertrand, S. A. R. L.

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand
(Imprensa Portugal-Brasil). R. João de Deus — Venda Nova — Amadora

Acabou de imprimir-se em Fevereiro de 1975

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Este livro foi escrito num período de esperança desesperada, após a minha saída da prisão política de Caxias, em 1968. Forçado pelo médico a duas semanas de recuperação, não resisti a deitar ao papel este esquema de peça teatral, que me distraía a imaginar no isolamento, durante os meses dolorosos em que, naquela fortaleza, me foi rigorosamente vedado ler e escrever.

Nesta segunda edição introduzi alterações substanciais, as quais insinuam que a acção acontece na mente das personagens, reforçando assim a hipótese, já expressa no primeiro texto, do mito do inconsciente colectivo.

Livro amargo, jogo de máscaras, exercício psicológico com a consciência da agonia e da falência da psicologia tradicionais? O leitor dirá. Aliás, a minha inclinação de romancista levou-me porventura a escrever uma peça-romance. Onde o desencanto de viver no sujo e torpe microcosmo fascista é decerto patente. Onde a confiança no triunfo da democracia, apesar de todas as angústias e descrenças, está, creio eu, desde o início marcada no poema-canção do desabamento das torres milenárias, metáfora que significa mais do que a ditadura da burguesia: o império dos «senhores» do orbe prestes (?) a aluir.

U. T. R.

Canção que se ouve, acompanhada à guitarra (pode ser música gravada), antes de se acender a luz na cena já aberta:

*Trago nos lábios a flor
do meu sangue sem defesa
Deixa troar os canhões
a noite já foi acesa*

*Esta esperança vai florir
a madrugada tão fria
mesmo as torres milenárias
também desabam um dia.*

1.º ACTO

CENÁRIO

Lisboa, em 1970.

Um salão, de mobiliário requintado e muito moderno, com um toque de estranheza que lhe é dado pelos quadros e esculturas (exemplos de arte óptica e cinética, um *mobile* ou objectos no género dos do Artur Rosa, de forte sugestão geométrica).

As personagens acabaram de jantar. Trazem coladas à face máscaras, talvez de matéria plástica, que imitam, ou seja, modelam o próprio rosto de cada qual, apenas o embelezando numa expressão muito serena, que, obviamente, nunca se altera.

Luís Alberto (40 anos, parecendo menos, atitude juvenil e sorridente) está sentado à direita baixa, com um copo de uísque aos pés. Ao lado Marília, mulher de Heitor (40 anos tratados e elegantes, olhos imensos e testa à Bette Davis). Ao fundo, Cláudia (18 anos, alta mas de traços infantis, boca em coração, queixo voluntarioso, quase a caricatura da adolescente ansiosa). À esquerda baixa, em grupo: Heitor (50 anos, cabeça de triunfador, estilo estátua romana), Dolores, mulher de Luís Alberto

AS TORRES MILENÁRIAS

(35 anos, bonita, lábios cerrados, expressão marcada, entre o cepticismo e a amargura). Deitados no chão: Carolina, irmã de Duarte (25 anos, ar muito sensual e ostentoso); Duarte (entre 25 e 30 anos, a máscara da ambição e da desfaçatez polidas, cabelo sobre a testa e muito comprido).

CENA I

HEITOR (*para Luís Alberto*)

— Porque é que não me compras um apartamento? Vem comigo na sexta-feira até ao Algarve e vais ver como gostas. Já os estou a vender por mil contos. Mas para ti são cem. A amizade também conta, que diabo! Sabes quanto vale um apartamento destes daqui a dez anos, sobretudo se o turismo no Algarve for tomado a sério por quem pode e deve planificar? Pois bem, nunca menos de cinco mil contos.

DUARTE

— O que mais admiro em ti, Heitor, é o equilíbrio. És rico, ousado e generoso. Mas tudo na devida conta. Toda a gente o diz.

Metes-te em negócios fabulosos e nunca transgredes a lei...

CAROLINA

— Ironia!

DUARTE (*encolhe os ombros e prossegue*)

— Direi mesmo que a tua maior virtude está em saber quais as virtudes que dão fruto.

LUÍS ALBERTO (*ergue-se, com o copo de uís-que na mão, e vai sentar-se junto de Cláudia, que tem perto dela o balde do gelo*)

— Ainda aí há gelo?

CLÁUDIA (*baixo, dando-lhe duas pedras de gelo com a pinça*)

— Cada vez tenho mais horror aos moralistas.

LUÍS ALBERTO

— Pois eu, infelizmente, passo a vida a tentar justificar-me. No que digo, no que escrevo. Ainda não aprendi a viver sem regras.

1.º ACTO — CENA I

CLÁUDIA (*baixo*)

— É preciso aprender: o amor basta.

HEITOR (*as conversas devem ser, tanto quanto possível, simultâneas*)

— Vês as coisas um pouco esquematicamente, meu caro Duarte. A vida espiritual autêntica exige que um homem seja ele próprio mas sempre preocupado com os outros. Porque são os outros que nos trazem esclarecimento e verdade.

CLÁUDIA (*desviando a cara da direcção do pai para Luís Alberto*)

— Acreditas?

LUÍS ALBERTO

— Gosto muito do teu pai, mas dá-me sempre vontade de rir ouvir os burgueses como ele falarem em verdade, em comunidade, em progresso...

HEITOR

— O cristianismo aberto...

AS TORRES MILENÁRIAS

MARÍLIA (*levantando-se*)

— Dolores, ajudas-me a ir buscar os doces? Disse à criada que podia sair. Coitada!, queria ir ver um filme argentino ao Condes. Andava a sonhar com isso há uma semana. (*Saem as duas.*)

DUARTE

— Os filmes espanhóis e os argentinos, tirando um ou outro, são as pastilhas de ilusão dos países subdesenvolvidos.

CAROLINA (*para Cláudia*)

— Então esses exames, como é que correram?

CLÁUDIA

— Bem. Ou mal, conforme o ponto de vista. Eu nem devia ter feito exames. Mas... Enfim...

CAROLINA

— Passaste ou não passaste?

CLÁUDIA

— Passei. Sou uma menina prodígio. Já estou no terceiro ano de Física.

HEITOR

— Posso orgulhar-me de que a minha filha sempre teve inteira liberdade de opção. Em tudo.

CLÁUDIA

— Tem a certeza, pai?

DOLORES (*entrando de repente*)

— Passa-se qualquer coisa de muito estranho na rua. Andam pessoas a correr de um lado para o outro. Ouvem-se gritos. Venham ver.

Chegam todos à janela do fundo alto.

MARÍLIA (*voz displicente, arrastada*)

— Alguém que viu um disco voador...

DOLORES

— Falas a brincar, mas, olha, eu acredito em discos voadores.

DUARTE

— E porque não? O cepticismo, para além de certo limite, é estupidez. Ou conservadorismo. É a atitude do «Velho do Restelo»

CAROLINA

— Mas não será realmente um mito do inconsciente colectivo?

DOLORES

— Vocês reparem: esta gente está como louca. Está absolutamente em pânico. O que é que se terá passado?

DUARTE

— Pode ser perfeitamente uma dessas manifestações que ultimamente por aí tem havido. Vão ver que a polícia não tarda aí.

CAROLINA (*voz entre sibilina e divertida*)

— Até podem assaltar-vos a casa.

HEITOR

— Quem não deve não teme. (*Pausa.*)
Sempre respeitei todos os homens. Todo o
homem traz consigo um valor absoluto. Digo
mesmo: um valor sobrenatural.

Luís Alberto emite, através da máscara, um riso muito leve, que deve ser de dúvida ou negação. Depois levanta-se e caminha para a boca da cena. Cláudia segue-o. Música concreta (baixo). Sons de cólera ou de pavor. Ou ambas as coisas.

CLÁUDIA

— Eu, por mim, até achava certo que nos
assaltassem a casa. (*Voz já hesitante.*) Quer
dizer...

LUÍS ALBERTO

— Quer dizer que, apesar de tudo, tens
raízes no teu meio. E é natural.

CLÁUDIA

— Não, não é isso...

AS TORRES MILENÁRIAS

LUÍS ALBERTO

— Então?

CLÁUDIA

— Se fosse um movimento organizado, coerente, visando a uma verdadeira...

LUÍS ALBERTO

— Mas a violência e a desordem são o começo quase inevitável. É positivo, por muito que nos aflija, a nós, às nossas almas sensíveis de gente composta... e dividida...

CLÁUDIA (*baixo*)

— Sabes, em meio de uma grande convulsão social, ou de um cataclismo qualquer, ficavas comigo, tenho a certeza, andávamos juntos, acabavam-se as leis, pelo menos estas: éramos um do outro, à luz do dia...

LUÍS ALBERTO

— Talvez...

DOLORES (*que está de costas, debruçada para a rua*)

1.º ACTO — CENA I

— Vocês já viram aquela camioneta desarvorada? (*A música poderá, ironicamente, simular o desastre.*)

MARÍLIA (*tom de aflição*)

— Matou a velha.

DUARTE

— Possivelmente. Entrou pela casa dentro.

CAROLINA

— Mas olhem que ninguém liga: cada um trata de si. É vê-los fugir. Parece... sei lá o quê. Mas é que estão todos doidos. (*Mostra-se impressionada.*) Começo também a ter medo. Medo? Sim, creio bem que sim.

HEITOR (*um pouco recuado, em relação ao grupo, atitude discretamente olímpica*)

— Os homens, em geral, assustam-se por pouco. E cada qual pensa apenas em si. Em fugir.